



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0211/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 06/08/2025**

Gabinete Saudita aprecia resultados positivos da conferência internacional sobre a Palestina co-presidido pelo Reino



O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman preside a sessão do Gabinete em NEOM.

O Gabinete Saudita expressou ontem terça-feira o seu apreço pelos resultados positivos da Conferência Internacional de Alto Nível para a Solução Pacífica da Questão da Palestina e a Implementação da Solução de Dois Estados.

A conferência, copresidida pelo Reino da Arábia Saudita e pela França, foi realizada entre 28 e 30 de julho e teve como objectivo catalisar acções internacionais concretas, com prazo determinado e coordenadas para a implementação da solução de dois Estados.

Os presidentes sublinharam a necessidade de apoiar o Estado palestino, reforçar a cooperação regional e internacional e garantir o respeito ao direito internacional.

O Gabinete Saudita também saudou os anúncios feitos por vários países participantes de sua intenção de reconhecer o Estado palestino, informou a Agência de Imprensa Saudita.

França, Reino Unido, Canadá, Portugal, Malta e outros países disseram que podem reconhecer um Estado da Palestina na ONU em setembro.

O Gabinete Saudita reiterou o apelo do Reino a todos os Estados-membros da ONU para que apoiem a declaração final emitida pela conferência internacional, que constitui uma estrutura abrangente para a implementação da solução de dois Estados, que por sua vez alcançaria a paz e a segurança internacionais e contribuiria para a construção do futuro da região e de seus povos.

O Gabinete Saudita está acompanhando o apoio abrangente do Reino ao Estado da Palestina e seu povo, particularmente na frente humanitária, continuando a enviar abrigo, ajuda médica e alimentar para a Faixa de Gaza através das pontes aéreas e marítimas sauditas.

Também condenou nos termos mais fortes as práticas provocativas de funcionários do governo israelense na Mesquita de Al-Aqsa e enfatiza a exigência do Reino da Arábia Saudita de que a comunidade internacional pare com essas práticas, que violam as leis e normas internacionais.

O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman informou sobre o conteúdo das cartas recebidas pelo Rei Salman e por ele mesmo do Presidente do Azerbaijão, Ilham Aliyev, e seu encontro com o Primeiro-ministro do Kuwait, Xequê Ahmad Abdullah Al-Ahmad Al-Sabah. **Fonte-Arab News.**

Embaixador saudita recebe alto comissário do Paquistão na África do Sul



Faisal Al-Harbi (R) e Malik Farooq.

O embaixador do Reino da Arábia Saudita na África do Sul, Faisal Al-Harbi, recebeu recentemente o alto comissário do Paquistão na África do Sul, Malik Farooq. Durante a reunião, os dois lados "discutiram assuntos de interesse mútuo e maneiras de melhorar as relações entre o Reino e o Paquistão", escreveu ontem a embaixada em um post no X. Enquanto isso, o embaixador saudita no Brasil, Faisal Ghulam, recebeu recentemente o representante do Programa de Desenvolvimento da ONU, Claudio Providas. Eles revisaram as atividades da organização no Brasil. **Fonte-Arab News.**

Enviado do Sri Lanka elogia os esforços islâmicos do Reino



O Ministro de Assuntos Islâmicos do Reino da Arábia Saudita, Sheikh Abdullatif Al-Asheikh, encontra-se com o embaixador do Sri Lanka, Omar Lebbe Ameer Ajwad, em Riade.

O ministro de Assuntos Islâmicos do Reino da Arábia Saudita, Sheikh Abdullatif Al-Asheikh, recebeu em Riade o embaixador do Sri Lanka, Omar Lebbe Ameer Ajwad, e sua delegação acompanhante. As autoridades discutiram vários tópicos relacionados a assuntos islâmicos e cooperação contínua entre os dois países, informou a Agência de Imprensa Saudita. Falando à imprensa após a reunião, o enviado elogiou o papel de liderança do Reino no apoio às causas islâmicas e na promoção dos valores de tolerância e moderação globalmente, particularmente no Sri Lanka.

Ameer Ajwad enfatizou que esses esforços reflectem a verdadeira mensagem do Islão. "Temos orgulho do papel notável do Reino na promoção dos valores de tolerância e moderação – uma missão nobre que realmente representa a mensagem elevada do Islão", disse o enviado. Ele agradeceu ao Rei Salman e ao Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman por seu generoso apoio ao Sri Lanka em vários campos e, especialmente, por seu serviço em resposta às injunções do Alcorão. O embaixador também elogiou o Ministério de Assuntos Islâmicos por espalhar uma mensagem de moderação em todo o mundo. Ele elogiou os programas de conscientização do ministério, o treinamento para imãs e pregadores e a organização de competições do Alcorão. **Fonte-Arab News.**

Família de estudante saudita morto no Reino Unido presta homenagem ao 'melhor dos irmãos'



Membros da família compartilharam homenagens a Mohammed Al-Qasim, que foi tragicamente morto em Cambridge, Reino Unido.

Familiares e amigos de Mohammed Al-Qasim, o estudante saudita de 20 anos que foi esfaqueado até a morte em Cambridge, Reino Unido, na passada sexta-feira, têm compartilhado suas condolências e memórias online. Seus parentes também criaram

uma arrecadação de fundos para fornecer água potável às famílias necessitadas no Reino da Arábia Saudita como homenagem. No momento em que este artigo foi escrito, havia arrecadado mais de SR30.000 (US \$ 8.000).

Al-Qasim estava em um estágio de 10 semanas no EF International Language Campus na cidade quando foi morto. Dois homens de Cambridge foram presos por suspeita de assassinato e assistência a um criminoso.

O tio de Al-Qasim, Majed Abalkhail, disse no X que a morte de seu sobrinho "foi um grande choque para todos nós – especialmente desde que Mohammed veio para Cambridge como estudante, carregando nada além de sonhos e esperanças para o futuro". "Nós realmente esperamos ... que esta será a última tragédia desse tipo e que a justiça total será feita, com todos os responsáveis totalmente responsabilizados. Que Allah tenha misericórdia de Maomé e conceda-lhe o lugar mais alto no paraíso."

Abalkhail descreveu seu sobrinho como "um jovem criado na bondade, e nossos corações ainda choram por sua perda".

A irmã de Al-Qasim, Jana, escreveu no X que ele era "um homem que valia mil homens, o verdadeiro significado de apoio, força e dignidade". "Eu nunca conheci o gosto do medo por um único dia, porque sabia que Maomé era minha espinha dorsal e meu apoio depois de Alá", disse ela.

"Com a magnitude de seu orgulho e amor por mim, eu estava orgulhosa dele e o amava muitas vezes mais. Desde a nossa infância, eu ouvia que os irmãos muitas vezes irritam, brigam e brigam com seus irmãos, mas por Allah, ele nunca levantou a voz para mim uma vez, e eu nunca vi dele nada além de bondade e amor.

Outra irmã, Thekra, disse: "Ó Allah, seu servo Mohammed Al-Qasim era o melhor dos irmãos. Gentil, gentil e com medo de você entre nós. Ele nunca levantou a voz desde o dia em que minha mãe o deu à luz até que você o levou de volta para você.

Abdallah Al-Matrafi, que se descreveu como vizinho da família, disse no X que o falecido pai de Al-Qasim, seus irmãos e seus filhos estão entre as melhores pessoas que conhecemos em maneiras, caráter, apreço, respeito e boa vizinhança. "Até hoje, lembramos deles com carinho e continuaremos a fazê-lo pelo resto de nossas vidas." O professor Fahad Al-Olayan disse: "Que Alá tenha misericórdia de Maomé. Tive a honra de tê-lo como um dos meus alunos na universidade no semestre passado. Ele era um aluno trabalhador, ansioso para aprender.

Nawaf Al-Darrab, amigo de Al-Qasim, disse que sabia que o jovem estava "perto de Alá ... sempre sorrindo, comprometido com suas orações e perdoadando a todos."

"Até nos encontrarmos novamente, meu amado e meu irmão, no mais alto paraíso com os profetas, os verdadeiros, os mártires e os justos - que excelente companhia eles são." Em uma declaração pública, sua família descreveu Al-Qasim como um "jovem cheio de entusiasmo, cavalheirismo e coragem" e disse que ele era "o carisma da família" e "o apoio de seu pai". "Ele foi a pessoa mais compassiva que já visitou o coração de uma mãe", disseram eles. **Fonte-Arab News.**

África do Sul pede que mais países enfrentem as 'actividades genocidas' de Israel



Um palestino lamenta a morte de um parente, que foi morto enquanto buscava ajuda na passagem de Zikim, Gaza em 5 de agosto de 2025.

Mais países devem reconhecer um Estado palestino e enfrentar Israel para acabar com suas "actividades genocidas", disse ontem o ministro das Relações Exteriores da África do Sul, Ronald Lamola, à AFP em uma entrevista.

Pretória tem sido um dos principais críticos das acções de Israel em Gaza, levando um caso ao tribunal superior da ONU em dezembro de 2023, argumentando que sua guerra no território palestino equivalia a genocídio. Como alguns dos aliados de Israel "agora também estão dizendo, não, isso não pode continuar, significa que está nos aproximando cada vez mais do regime de Israel para interromper as actividades genocidas", disse Lamola.

Isso também aumentará os esforços para "permitir o acesso humanitário ao povo de Gaza" e "concordar em entrar em uma mesa de negociações para cessar o fogo", disse ele. "Nós realmente saudamos esse desenvolvimento e pedimos que mais países continuem a reconhecer a Palestina." "Congratulamo-nos com a intenção de reconhecimento da França, Canadá e todos os países do mundo. O caso da África do Sul perante o Tribunal Internacional de Justiça argumenta que a guerra em Gaza, que começou com o ataque do grupo militante Hamas em 7 de outubro de 2023 a Israel, violou a Convenção de Genocídio das Nações Unidas de 1948. Israel negou veementemente essa acusação.

Várias nações adicionaram seu peso ao processo, incluindo Espanha, Bolívia, Colômbia, México, Turquia, Chile e Líbia. Enquanto isso, os líderes da França, Reino Unido e Canadá disseram que planejam reconhecer um Estado palestino em setembro e pediram que outras nações o façam. Os anúncios de alguns dos aliados mais próximos de Washington desagradaram o presidente dos EUA, Donald Trump.

Lamola disse que se o mundo tivesse agido quando a África do Sul apresentou seu caso na CIJ, "não estaríamos onde estamos". "Está claro que a fome está surgindo, a fome, e todas essas são coisas sobre as quais alertamos em nosso caso da CIJ - que isso levará à fome, levará à limpeza completa da população", disse ele. "É um pouco tarde, sim, mas é melhor do que nunca. Então, deixe-os agir, deixe-os apoiar, deixe-os pressionar." **Fonte-Reuters.**

Presidente dos Emirados Árabes Unidos visitará a Rússia



Durante a visita, AlNahyan e o presidente russo, Vladimir Putin, devem discutir a parceria estratégica entre os dois países e maneiras de aprimorá-la

O presidente dos Emirados Árabes Unidos, Mohamed bin Zayed Al Nahyan, deve fazer uma visita oficial à Rússia na quinta-feira. Durante a visita, AlNahyan e o presidente russo, Vladimir Putin, devem discutir a parceria estratégica entre os dois países e maneiras de aprimorá-la, especialmente nos campos econômico, comercial, de investimento, energia e outros. **Fonte-Arab News.**

Rússia protesta contra Israel por suposto ataque a veículo diplomático



A porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zakharova, fala à imprensa em Moscou.

A Rússia apresentou um protesto formal a Israel após um suposto ataque a um veículo diplomático russo perto do assentamento de Givat Assaf, perto de Jerusalém, de acordo com um comunicado divulgado pelo Ministério das Relações Exteriores da Rússia.

"Em 30 de julho, um veículo da missão da Federação Russa, com placas diplomáticas e transportando pessoal da missão diplomática russa credenciada pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel, foi atacado perto do assentamento israelense ilegal de Givat Assaf, perto de Jerusalém, por um grupo de colonos", disse a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zakharova, em um comunicado. O incidente ocorreu "com a aquiescência de militares israelenses, que estavam presentes no local e não tentaram impedir as ações dos agressores", acrescentou. A Reuters não

conseguiu verificar de forma independente o relatório do Ministério das Relações Exteriores da Rússia. Zakharova disse que a embaixada russa em Tel Aviv apresentou uma diligência oficial às autoridades israelenses. **Fonte-Reuters.**

Trump se recusa a dizer se apoia ou se opõe a uma possível tomada de Gaza por Israel



O presidente Donald Trump grita para repórteres enquanto examina o terreno do telhado acima da colunata que vai para a Ala Oeste da Casa Branca, ontem terça-feira, 5 de agosto de 2025, em Washington.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, se recusou a dizer se apoia ou se opõe a uma possível tomada militar de Gaza por Israel e disse que o foco de seu governo é

aumentar o acesso de alimentos ao enclave palestino sob ataque de um aliado de Washington.

PRINCIPAIS CITAÇÕES,

"Eu sei que estamos lá agora tentando alimentar as pessoas", disse ontem, Trump a repórteres. "Quanto ao resto, eu realmente não posso dizer. Isso vai depender muito de Israel." Trump disse que Israel e os países árabes vão ajudar na distribuição de alimentos e ajuda em Gaza e fornecer assistência financeira. Ele não deu mais detalhes.

POR QUE É IMPORTANTE,

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, reuniu-se ontem com altos funcionários de segurança, com a imprensa relatando que ele era a favor de uma tomada militar completa de Gaza. Trump havia proposto uma tomada de Gaza pelos EUA no início deste ano, uma ideia que foi condenada por muitos em todo o mundo, incluindo especialistas em direitos humanos, países árabes, a ONU e palestinos.

CONTEXTO,

O ataque militar de quase dois anos de Israel em Gaza matou dezenas de milhares, causou uma crise de fome, deslocou internamente quase toda a população e levou a acusações de genocídio no Tribunal Internacional de Justiça e de crimes de guerra no Tribunal Penal Internacional. Israel nega as acusações e classifica sua ofensiva militar como legítima defesa após um ataque em outubro de 2023 por militantes palestinos do Hamas que matou 1.200 e no qual mais de 250 foram feitos reféns. **Fonte-Reuters.**

Irão executa homem acusado de espionar para Israel e outro por planejar sabotagem do grupo Estado Islâmico



O site de notícias online Mizanonline relata que o suposto espião foi acusado de transmitir informações confidenciais a oficiais do serviço de inteligência de Israel, Mossad.

O Irão executou dois homens em casos separados hoje quarta-feira, acusando um de espionar para Israel e outro de ser membro do grupo Estado Islâmico, informou a imprensa estatal. Um relatório do site de notícias do judiciário Mizanonline identificou o suposto espião como Rouzbeh Vadi, acusado de transmitir informações confidenciais ao serviço de inteligência de Israel, Mossad. As autoridades disseram que Vadi forneceu informações sobre um cientista nuclear iraniano que foi morto durante os ataques aéreos de Israel em junho no Irão, de acordo com o relatório, que não identificou o cientista ou a hora e o local da prisão de Vadi, que tinha encontros com os oficiais do Mossad cinco vezes em Viena, na Áustria, disse o relatório. O embaixador de Israel na França, Joshua Zarka, disse em junho que a guerra de 12 dias de Israel contra o Irão incluiu ataques direccionados que mataram pelo menos 14 físicos e engenheiros envolvidos com o programa nuclear do Irão. O Irão enforcou sete pessoas por espionagem durante o conflito com Israel, provocando temores de activistas de que o governo possa realizar uma onda de execuções. **Fonte-Reuters.**

Presidente sírio e conselheiro de segurança nacional do Reino Unido discutem fortalecimento de laços



Ahmad Al-Sharaa, presidente interino da Síria, e o conselheiro de segurança nacional do Reino Unido, Jonathan Powell.

Ahmad Al-Sharaa, presidente interino da República Árabe da Síria, discutiu ontem o fortalecimento dos laços com o Reino Unido durante uma reunião com o conselheiro de Segurança Nacional Jonathan Powell em Damasco. Os dois lados discutiram desenvolvimentos regionais e internacionais durante uma reunião com a presença de Asaad Al-Shaibani, ministro das Relações Exteriores e Expatriados, e do director de Inteligência Geral, Hussein Al-Salama. Al-Sharaa enfatizou a disposição da Síria de considerar iniciativas sinceras que promovam a segurança e a estabilidade regionais, desde que respeitem a soberania síria e as decisões nacionais independentes. **Fonte-Agência de notícias oficial Sana.**

Como Netanyahu de Israel criou um monstro em Gaza - que voltou para mordê-lo



Combatentes do Hamas protegem uma área antes de entregar um refém israelense-americano a uma equipe da Cruz Vermelha na Cidade de Gaza em 1º de fevereiro de 2025.

A política muitas vezes dá origem a parcerias inesperadas, que à primeira vista podem parecer ilógicas - até mesmo irracionais. Mas para aqueles que os intermediam, geralmente há alguma lógica inerente. No caso da parceria entre o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu e o grupo militante palestino Hamas, no entanto, eles também podem ser distorcidos e destrutivos. A relação entre Netanyahu e o Hamas, que começou muito antes do ataque de 7 de outubro de 2023 que desencadeou a guerra em Gaza, é um excelente exemplo de uma leitura totalmente errada do primeiro-ministro israelense sobre as verdadeiras intenções dessa organização fundamentalista, que teria repercussões trágicas para ambos os povos. O que une Netanyahu e o Hamas é que nenhum deles parece ter interesse em resolver o conflito israelense-palestino por meio de um compromisso que poderia levar a uma solução de dois Estados. Para o primeiro-ministro israelense mais antigo da história do país, evitar o fim do conflito com base no fim da ocupação e concordar com uma solução de dois Estados é a missão de sua vida.

James Dorsey, do Instituto do Médio Oriente, acredita que Netanyahu desenvolveu uma relação simbiótica com os linhas-duras de ambos os lados da divisão israelense-palestina como uma ferramenta para sabotar qualquer progresso em direcção a um processo de paz - muito menos uma conclusão bem-sucedida.



Netanyahu precisava do Hamas e o Hamas precisava de Netanyahu.

Um exemplo revelador ocorreu logo depois que Netanyahu foi eleito primeiro-ministro pela primeira vez em 1996 e Israel inesperadamente desistiu do pedido feito por seu antecessor, Shimon Peres, para que o membro do bureau político do Hamas, Mousa Abu Marzouk, fosse extraditado dos EUA, onde residia, contra o conselho do estabelecimento de segurança. Isso permitiu que uma figura importante do Hamas continuasse sua defesa da resistência armada livremente de fora de Gaza após sua deportação para a Jordânia. Pode-se pensar que um líder de direita, em um momento em que outros líderes do Hamas estavam nas prisões israelenses, incluindo seu fundador,

Sheikh Ahmad Yasin, estaria ansioso para colocar alguém com a história de Abu Marzouk atrás das grades. A menos que Netanyahu já visse o potencial do Hamas, com sua total resistência à existência de Israel, de mantê-lo no poder, permitindo que ele se tornasse cada vez mais autoritário e deixando a solução de dois Estados como uma opção eternamente hipotética.



A relação entre Netanyahu e o Hamas é um excelente exemplo de uma leitura completamente errada do primeiro-ministro israelense.

Na relação simbiótica entre os dois, Netanyahu precisava do Hamas e o Hamas precisava de Netanyahu, porque eles justificaram a existência um do outro convencendo seus respectivos eleitores de que são o antídoto um do outro. Preservar a relevância do Hamas na política palestina e o conflito com Israel tornaram-se instrumentos-chave na estratégia de Netanyahu de impedir que a Palestina se torne um Estado, principalmente mantendo as divisões dentro da sociedade palestina. A vitória do Hamas na eleição do Conselho Legislativo Palestino de 2006 contra o movimento governante Fatah fez o jogo de Netanyahu. Ele ainda apreciou a violenta divisão em Gaza um ano depois entre o Fatah e o Hamas, que deixou o Fatah, liderado pelo presidente Mahmoud Abbas, no controle da Cisjordânia e o Hamas no controle de Gaza. **Fonte-Reuters.**

Por que a demora em julgar os crimes de guerra israelenses?



DR. RAMZY BAROUD

04 de agosto de 2025



Palestinos inspecionam uma mesquita depois que ela foi atingida por um ataque aéreo israelense, campo de refugiados de Shati, Cidade de Gaza, 9 de outubro de 2023.

A organização israelense de direitos humanos B'Tselem divulgou um relatório abrangente em 27 de julho descrevendo a guerra israelense em Gaza como genocídio. No entanto, o atraso na publicação de tal acusação é preocupante e aumenta um problema existente de processos de tomada de decisão politicamente motivados que,

por si só, prolongaram os crimes de guerra israelenses. O relatório acusou Israel de cometer genocídio, uma conclusão alcançada após uma análise detalhada da intenção da campanha militar, a destruição sistemática da vida civil e a fome projectada pelo governo. Essa descoberta é significativa porque se soma ao enorme corpo de evidências legais e testemunhais que afirmam a posição palestina de que as acções de Israel em Gaza constituem um genocídio.

Além disso, o facto de o B'Tselem ser uma organização israelense é duplamente importante. Representa uma acusação interna dos horríveis massacres e da fome projectada pelo governo em Gaza, desafiando directamente o argumento infundado de que acusar Israel de genocídio é um acto de antissemitismo.

A imprensa ocidental estava particularmente interessada nessa descoberta, embora vários relatos e investigações palestinas em primeira mão sejam frequentemente ignorados ou minimizados. Esse duplo padrão continua a alimentar um problema crónico da imprensa em sua percepção da Palestina e de Israel.

As alegações dos palestinos de crimes de guerra israelenses têm sido historicamente ignoradas pela grande imprensa ou pela academia. Seja o massacre de Tantura pela milícia sionista em 1948, o número real de palestinos e libaneses mortos nos massacres de Sabra e Shatila no Líbano em 1982, ou os eventos que resultaram no massacre de Jenin na Cisjordânia em 2002, a imprensa frequentemente ignorou o relato palestino. Muitas vezes ganha um grau de validação apenas se for apoiado por vozes israelenses ou ocidentais.

O último relatório do B'Tselem não é excepção. Mas outra pergunta deve ser feita: por que demorou quase dois anos para o B'Tselem chegar a uma conclusão tão óbvia? Grupos de direitos humanos israelenses, em particular, têm muito mais acesso à conduta do exército israelense, às declarações de políticos e à cobertura da imprensa hebraica do que qualquer outra entidade. Tal conclusão, portanto, deveria ter sido alcançada em questão de dois meses, não de dois anos.

Esse tipo de atraso intencional até agora definiu a posição de muitas instituições, organizações e indivíduos internacionais cuja autoridade moral teria ajudado os palestinos a estabelecer os factos do genocídio globalmente muito antes. Por exemplo, apesar da decisão histórica da Corte Internacional de Justiça em 26 de janeiro de 2024, que determinou que há motivos plausíveis para a acusação da África do Sul de Israel de cometer genocídio, o tribunal ainda não pode, ou não quer, produzir uma decisão conclusiva. Uma decisão definitiva teria pressionado Israel a acabar com seus assassinatos em massa em Gaza.

Em vez disso, por enquanto, a CIJ espera que Israel investigue a si mesmo - uma expectativa altamente irrealista em um momento em que o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu promete a seus ministros extremistas que Israel encorajará a limpeza étnica de Gaza.

A mesma acusação de atrasos intencionais e politizados pode ser atribuída ao Tribunal Penal Internacional. Embora tenha emitido mandados de prisão para Netanyahu e seu ex-ministro da Defesa Yoav Gallant em 21 de novembro de 2024, nenhuma ação concreta foi tomada. Em vez disso, é Karim Khan, o promotor-chefe do TPI, que se vê

atacado pelo governo e pela imprensa dos EUA por ter a coragem de prosseguir com a investigação. Indivíduos também, especialmente aqueles que foram associados à política "revolucionária" - como a congressista Alexandria Ocasio-Cortez e o senador Bernie Sanders, entre outros - relutam em agir. Em 22 de março de 2024, Ocasio-Cortez se recusou a usar o termo genocídio em Gaza, chegando a afirmar que, embora visse um "genocídio em andamento", ela ainda não estava pronta para usar o termo.

Sanders, por outro lado, que se manifestou repetidamente e fortemente contra Netanyahu, descrevendo-o em uma entrevista à CNN em 31 de julho como um "mentiroso nojento", teve repetidos lapsos morais desde o início da guerra. Quando o termo genocídio foi usado por muitos políticos muito menos "radicais", Sanders dobrou a aposta durante uma palestra em uma universidade na Irlanda. Ele disse que a palavra genocídio "o deixa enjoado" e pediu às pessoas que tenham "cuidado com isso".

Estas não são simplesmente oportunidades perdidas ou casos de equívoco moral; eles tiveram um impacto profundo e directo no comportamento de Israel. A intervenção oportuna de governos, instituições internacionais, tribunais superiores, imprensa e grupos de direitos humanos teria mudado fundamentalmente a dinâmica da guerra. Essa pressão coletiva poderia ter forçado Israel e seus aliados a encerrar a guerra, potencialmente salvando milhares de vidas.

Atrasos nascidos de cálculos políticos e medo de retaliação deram a Israel o espaço crítico de que precisava para realizar seu genocídio. Israel está explorando activamente essa falta de clareza legal e moral para persistir em seu massacre em massa de palestinos.

Isso deve mudar. A perspectiva palestina, seu sofrimento e suas verdades devem ser respeitados e honrados sem a necessidade de validação de fontes israelenses ou outras. A voz palestina e seus direitos devem ser verdadeiramente centrados, não como um clichê acadêmico ou jargão político, mas como uma realidade cotidiana inegável.

Quanto àqueles que adiaram seu veredicto sobre o genocídio israelense, nenhuma justificativa pode absolvê-los. Eles serão julgados pela história e pelos apelos desesperados das mães e pais de Gaza, que tentaram e falharam em salvar seus filhos da máquina de matar israelense e do silêncio ou inação colectiva do mundo.

O Dr. Ramzy Baroud é jornalista, autor e editor do The Palestine Chronicle. Ele é autor de seis livros. Seu mais recente, co-editado com Ilan Pappé, é 'Nossa Visão para a Libertação: Líderes e Intelectuais Palestinos Engajados Falam'. Seu site é www.ramzybaroud.net. X: @RamzyBaroud

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**
Preservar e valorizar as conquistas
alcançadas, construindo um futuro melhor